

Domingos da Criação: uma coleção poética experimental de arte e educação

Gogan, Jéssica

Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017

Helena Wilhelm Eilers

No início dos anos 70, auge da ditadura militar, “liberdade” e “criação” não eram palavras triviais. Foi, porém, em meio a esse cenário de repressão que centenas de pessoas passaram a ocupar, aos domingos, a área externa do MAM-Rio. Com materiais singelos, como papel, tecido ou simplesmente o próprio corpo, elas experimentavam “o livre exercício de criar”. Sem divisão de idade ou classe social, criava-se um espaço quase onírico, deixando a pergunta: seria isso arte, educação, festa ou manifestação? Para Jéssica Gogan, autora de *Domingos da Criação – uma coleção poética experimental de arte e educação*, seria “tudo isso e nada disso”. No livro, organizado em colaboração com Frederico Moraes – crítico, curador e proponente dessas ações –, a autora busca resgatar a história desses seis domingos e, por meio dessa história, tecer alguns fios do então experimental e das mudanças radicais ocorridas na arte e cultura nos anos 60 e 70.

Como responsável pelo setor educativo do MAM-Rio desde 1969, Frederico Moraes vinha desenvolvendo uma série de práticas que tinham como base a ideia de que um museu deveria ser mais do que um depósito de acervo e ir além de um espaço delimitado: visava à instituição como um proponente de atividades voltadas para toda a cidade. Assim surgiram os Domingos da Criação, eventos abertos ao público que objetivavam não a concretização de um trabalho artístico, mas o exercício da imaginação, com materiais doados



O corpo a corpo do domingo Foto: Beto-Felício

por indústrias e disponibilizados aos participantes. Com o incentivo de artistas convidados, como Carlos Vergara e Amir Haddad, o que antes era resíduo ou sucata, virava experimentação e comprovava o princípio defendido por Frederico de que, mesmo os materiais precários, poderiam ser trabalhados esteticamente.

A atmosfera lúdica de criação e diversão originada nesses domingos pode ser compreendida ao

longo das quase 130 páginas de fotografias que compõem o livro. Ao optar por compilá-las logo no início da publicação, Jessica parece incitar que, antes de ler sobre o assunto, o leitor o sinta, despertando essa percepção a partir da exibição dessas centenas de imagens. Realmente, apesar do vasto material que dá sequência às fotos, não ficam dúvidas de que visualizar crianças e adultos construindo coletivamente um ambiente quase utópico transporta o leitor para um período pouco imaginado pela maioria. A pluralidade e a entusiasmada participação do público fez compreender a vontade de Frederico de que os domingos fossem um evento para todos, uma vez que, em sua opinião, “todas as pessoas são inatamente criativas, independentemente de sua origem étnica ou situação social, econômica ou cultural”.

Toda a publicação é concebida como um livro-arquivo que, além das fotografias, é composto por uma seleção de artigos de Frederico Moraes e de jornais da época, entrevistas com artistas e colaboradores dos cursos no MAM-Rio, além de ensaios e outros textos de relevância. Jessica, que é irlandesa de nascença, tomou conhecimento do movimento artístico-cultural carioca enquanto cursava o doutorado em história da arte na Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos. Com interesse em compreender as interseções entre arte e educação, Jessica estudava um projeto sueco quando se deparou com as ações propostas por Frederico Moraes. O vasto material hoje reunido veio da necessidade de suprir a falta de informações inicialmente encontrada pela pesquisadora.

Das diversas camadas que formam a publicação, ponto bastante interessante é sem dúvida o constituído pelas entrevistas realizadas com Amir Haddad, Angel Vianna, Anna Bella Geiger,

Antônio Manuel, Carlos Vergara, Cildo Meireles e Luiz Alphosus. Aqui, apesar de os Domingos constituírem o fio condutor das conversas, são expostos pensamentos sobre o experimental no MAM-Rio e a produção artística nos anos 60 e 70. Evidencia-se, por exemplo, o papel agregador e catalizador do Museu, tido por Vergara como “um lugar de discussão e briga. Onde tudo se resolvia”. Da mesma forma, nota-se como a coletividade foi fator marcante para o período, seja na arte pública de Haddad, nos exercícios corporais desenvolvidos por Angel Vianna ou nas atividades de aula sugeridas por Ana Bella Geiger. De uma forma ou de outra, todos os entrevistados influenciaram e tiveram seus trabalhos influenciados pelos Domingos no MAM.

Vale ressaltar que os Domingos da Criação não foram eventos isolados de seu tempo. Ao longo do livro, essas atividades vão-se situando em seu contexto histórico. Na parte final da publicação, composta de textos e ensaios, Frederico Moraes explicita os antecedentes que levaram à concepção de tais atividades, fala sobre a Unidade Experimental – setor criado em 1969 no MAM por ele, Cildo Meireles e Luis Alphosus – e descreve, ainda que brevemente, cada um dos seis domingos.

Fechando a obra, um artigo de Gogan amarra possíveis fios soltos dessa história – sem o objetivo de fechá-la ou canonizá-la, mas antes de trazer o passado para o presente a fim de ajudar a pensar um futuro. Quase 50 anos após os Domingos de Criação, o resgate desses eventos se faz muito atual não com o propósito de refazê-los, deslocando-os de seu tempo como em uma colagem mal-arranjada, mas trazendo uma reflexão sobre o papel da arte, da educação e da instituição, principalmente em momentos em que as urgências sociais e políticas se colocam em cena.